



O Construtor

Virtude: Amor das Almas do Purgatório.

Defeito oposto: Desinteresse com respeito a elas.

O Construtor: "Ó bom Jesus, dai-lhes o eterno descanso". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Jesus, Maria e José". (7 anos e 7 quadragenas).

Método: Começa o dia dizendo cinco vezes as jaculatórias acima, com a intenção de ganhar as indulgências a elas e às outras orações e boas obras deste dia anexas, oferecendo-as a Deus em favor das Almas do Purgatório. Diz estas, jaculatórias em grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Ambas as nossas aspirações têm um valor impetratório e um valor que estimula o cultivo do bom hábito de amor às Almas do Purgatório. O "Ó bom Jesus, dai-lhes o eterno descanso" como prece, ascende ao trono da Infinita Mercê, suplicando por parentes e amigos defuntos; é nossa resposta a seu grito: "Tende piedade de mim, tende piedade de mim, pelo menos vós, meus amigos, pois a mão do Senhor tem-me atingido". — Não expressa o Construtor a nossa firme fé na comunhão dos santos, na eficácia da oração, no poder da Igreja de dispensar os méritos de Cristo e de Seus santos às pobres almas? Cultiva a virtude da esperança, apoiando-se nas promessas de Cristo: "Bemaventurados os misericórdiosos, pois alcançarão misericórdia"; pratica um ato de caridade, porque ajuda a encurtar o termo de prisão das almas sofredoras. O Ajudante, "Jesus, Maria e José", auxilia-nos em nossa missão de mercê. Dando-nos conta plenamente de nossa fraqueza própria, entregamos a causa das pobres almas à poderosa intercessão da Sagrada Família. Com São José, Padroeiro da Boa Morte, ajoelhamo-nos diante da Mãe das Dores e pedimo-lhe que intervenha junto a seu Filho em favor de Seus amigos.

Na Defensiva: Frequentemente somos tentados a ser desconfiados, amargos, rancorosos. A não ser que se forme imediatamente uma frente de defesa por meio de atos de caridade, auxiliada pela oração para repelir o ataque, os poderes do mal vencerão. Estuda a defesa do Salvador na cruz, durante as vio-

LIVROS

O Inferno Verde, por Julian Duguid; Livraria Tavares Martins, Porto; 2. edição, 1945. — O autor descreve uma expedição pelo deserto verde da Bolívia Oriental. Nos primeiros capítulos relata a viagem de Londres até Gaíba, via Buenos Aires e o Rio Paraguai. O Inferno Verde compreende o antigo território das missões dos jesuítas, Chiquitos. Grande admirador desses evangelizadores e de sua obra, lamenta a sua expulsão por "um estúpido rei espanhol" que transformou em deserto estéril uma vasta província da qual Duguid diz: "Em 1776, desde a Terra-do-Fogo ao Paraná, não havia terra mais rica do que Chiquitos, sob o ponto de vista agrícola". Extasiado contempla as majestosas igrejas de Santo Corazon e de San Juan, construídas pelos índios sob a direção dos missionários. Enruscita-se com a decadência dos indígenas que, com a religião, perderam toda a energia, principalmente os homens. O explorador espera uma nova era de prosperidade, se... voltarem os jesuítas. E, segundo o que opina o atual Presidente da Bolívia a respeito das missões, não deveria Duguid estar muito enganado. (Ver: É bom saber, neste número). — Em todo o livro, o autor não tem façanhas extraordinárias que contar. Apesar disto, "O Inferno Verde" não é só interessante, mas também instrutivo. — Sec.: C.

História Sincera da França, por

lentas explosões das paixões. Enfrenta-as com perfeita calma por meio de uma aspiração de misericórdia: "Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem". Da mesma forma, nossas aspirações de misericórdia repelirão os ataques à caridade e ajudar-nos-ão a obter domínio sobre a nossa língua.

Na Ofensiva: O Ato Heróico de Caridade consiste em depor todas as nossas orações, boas obras e indulgências nas mãos de Maria, que Ela disponha delas em favor das Almas do Purgatório.

Aspirações de Reparação: Reparação é a nota característica da devoção às Almas do Purgatório. Em união com o oferecimento da manhã, inclui todas as indulgências do dia para reparar o passado, cancelar a dívida de penas temporais devidas ao pecado, libertar almas do exílio do Purgatório e acrescentar um novo brilho de glória à tua coroa no céu.

Charles A. Imbs, S. J.

Charles Seignobos; Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1945. — Como sugere o título desta obra, esforça-se o autor de expor a evolução do povo francês com toda a objetividade. Por isto, economiza datas e nomes de pessoas dispensáveis. Nem se procurem anedotas. O que torna o livro interessante são os quadros traçados em grandes linhas, que põem diante de nossos olhos as diferentes épocas e os marcos da evolução histórica. Entretanto, quer-nos parecer que o historiador, na ânsia de guardar a objetividade, sacrificou a clareza em matéria de religião. A página 238, p. ex., pode levar o leitor a crer que a doutrina católica sobre a justificação está errada e que o calvinismo descobriu a verdade. As decisões do Concílio de Trento aparecem como cousas que dependam do bel-prazer dos teólogos (pág. 266/267). A página 338 fala da "religião natural" e sai-se com esta: "Dissipava (i. é, a religião natural) os temores do Inferno e a crença no Diabo e nos demônios e a prova está em que os juizes deixavam de perseguir as feiticeiras e o clero renunciava a exorcisar os possessos". Esta última asserção, em todo o caso, é contra toda a verdade. Também na apreciação de fatos políticos, há semelhantes incorreções. A objetividade do historiador não pode ser levada até a suspensão da opinião própria. — Sec.: C.

Clube Pan-Americano

Na reunião do dia 28 de Setembro, recebeu esta agraciação seu novo presidente na pessoa do sr. Lincoln Fernando Mendes. Ao antigo presidente, sr. Pedro Luiz de Oliveira que, por motivos de força maior se transferiu para Curitiba, agradecemos aqui mais uma vez os seus esforços em prol da prosperidade de nosso Clube Pan-Americano. Como Vice-Presidente tomou posse o sr. Mário Moreira Leite.

Em seguida falou o sr. Fernando José Caldeira Bastos sobre o tema "Lincoln e a Guerra de Secessão". Depois tomou a palavra o R. P. Werner José Soell, S. J., discursando sobre "A Doutrina de Monroe e a Guerra de Cuba".

CANTINHO LITÚRGICO

Depois das orações ao pé do altar, o celebrante, na Missa solene, incensa o altar. O incenso é uma resina aromática produzida por uma árvore da família das terebintáceas. Já no Antigo Testamento era usado, mas exclusivamente em honra de Deus, a quem se destinavam os sacrifícios de incenso. Também os pagãos o empregavam nos seus cultos aos deuses falsos. Por isto foi considerado apostasia o oferecer incenso aos deuses romanos por parte de cristãos.

Os Reis Magos ofertaram incenso ao Menino Jesus, reconhecendo assim sua divindade.

A Igreja prescreve o emprego do incenso em várias ocasiões, aproveitando-se do profundo simbolismo contido neste uso. Para que o incenso espalhe seu aroma, é mister que se una ao fogo. Eis como o homem, para espalhar o perfume das virtudes deve unir-se com o fogo do divino amor. Assim como as nuvens de incenso se elevam para o céu, levantam-se as orações dos sacerdotes e dos fiéis para o Altíssimo.

O incenso simboliza também a nossa prontidão para o sacrifício no serviço de Deus. Somentes aequilando-se nas chamas é que se transforma no precioso perfume.

Hoje, o incenso é usado igualmente como sinal de reverência. Na Missa solene, o Bispo, o celebrante e os ministros do altar, o livro do Evangelho, as reliquias e as imagens dos santos como também o povo presente são incensados em sinal de reverência.

Pela bênção torna-se o incenso um sacramental e como tal não é só uma coisa sagrada, mas portador de efeitos sobrenaturais. É então um meio de proteção contra as ciladas do demônio. Serve também na consagração de pessoas e coisas destinadas exclusivamente ao serviço de Deus.

Usando nas suas sublimes cerimônias o incenso, a Igreja apoia-se no sólido fundamento da Bíblia.

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. N. Sra. do Rosário — Seção dos Menores. — Aos 10 de Setembro receberam a fita de Congregados os srs. João Bayer Neto, Mário Moreira Leite, Paulo Roberto Franco Cabral e Roque de Oliveira Mendes. — Nossos parabéns!

C. M. N. Sra. da Glória: Aos 21 de Outubro p. p. fizeram sua consagração à Nossa Senhora como Congregados os srs. Antônio Búrigo, Franklin Pereira, Fulgentino de Oliveira, José Raimundo Pereira, Luiz Gomes, Neri Búrigo e Sérgio Fretta. — Nossas felicitações.

MARIANOS CELEBRES

9. O Padroeiro dos Escritores

Aos 26 de Janeiro de 1923, S. Santidade Pio XI publicou uma encíclica pela qual declarou a S. Francisco de Sales "Celestial Patrono dos Periodistas e Escritores Católicos". Já em 1877, recebera a mais alta distinção que pode ser conferida a um mortal, sendo proclamado por Pio IX "Doutor da Igreja".

Descomunais devem ser as qualidades para que um homem alcance tais alturas.

Isto verifica-se, de fato, na pessoa de S. Francisco de Sales.

Filho de uma das mais nobres, mais antigas e mais distintas famílias de Saboia, em toda a sua vida nunca desmentiu a fina educação de fidalgo. Uma memória feliz, inteligência brilhante e fantasia viva talharam-no para os estudos. A uma vontade enérgica uniu um coração cheio de doçura e sensibilidade. Todo este conjunto maravilhoso recebeu sua consagração pela prática de sólidas virtudes cristãs.

Nascido aos 21 de Agosto de 1567, no castelo paterno perto de Annecy (Saboia), mostrou, já como menino de pouca idade, seu interesse pela conversão dos protestantes, que visitavam seu pai.

Afirma Mackay (OEuvres I. XXXIX): "Aux jésuites appartient l'honneur principal de sa formation". Mas esta "honra", a Companhia de Jesus a deve à iniciativa do próprio Francisco. Pois foi ele que insistentemente pediu ao pai que o mandasse ao Collège de Clermont de Paris, e não ao de Navarre. Este se destinava à flor da mocidade nobre francesa. Aquele, porém, era dirigido pelos filhos de Santo Inácio, sendo um verdadeiro seminário de todas as virtudes.

Francisco entrou para a Congregação Mariana, na qual ocupava, várias vezes, os postos de assistente e presidente. E foi na escola da Congregação Mariana que se formou o santo, executando o sublime programa esboçado na primeira regra: santificação própria, salvação do próximo e defesa da Igreja.

A inabalável mansidão que caracteriza S. Francisco de Sales, é o resultado de uma luta sem tréguas contra sua natural inclinação para a ira. Ainda na maturidade da vida, confessou, depois de um incidente desagradável, que "a raiva borbubhava na sua cabeça como a água a ferver sobre o fogo".

Pelo ano de 1582, foi assaltado por uma terrível tentação de desespero, temendo que seria condenado ao inferno. A sua saúde de tal forma foi abalada, em consequência disto, que os médicos não sabiam o que fazer. Francisco foi para uma igreja prostrar-se diante da imagem de Nossa Senhora. Fez o voto de virgindade perpétua e logo sua alma se encheu de paz e o corpo recobrou a saúde.

Que Francisco, apesar de sua profunda piedade, estava livre de preconceitos, prova-o o seguinte incidente.

Naquela época, a anatomia estava nos seus começos, e os médicos

que a praticavam, eram considerados pouco menos do que criminosos sacrílegos. Ora, aconteceu que Francisco, estando em Pádua, adoeceu gravemente. Determinou que, caso morresse, seu corpo fosse entregue aos médicos para estudos anatômicos.

Esta largueza de vista teve um grande papel nos seus trabalhos pela salvação do próximo.

Francisco acabara, em Paris, seus estudos de retórica, filosofia e teologia. Para satisfazer os desejos de seu pai, dirigiu-se a Pádua, em cuja universidade adquiriu o título de doutor em direito. Nem bem um ano trabalhou como advogado no senado de Saboia. Então renunciou a tudo: carreira brilhante como estadista, a um casamento vantajoso, ao conforto do castelo paterno. Tomou ordens. Para reconciliar o pai, que não estava de acordo com as vistas do filho, alcançou-se-lhe do Papa a nomeação para preboste da catedral de Genebra, dignidade mais alta depois da do Bispo. Agora abriu-se-lhe um vasto campo de apostolado. O Chablais, região da Saboia, viu o jovem sacerdote rechazar milhares de protestantes para a Igreja católica. Além do exemplo da mais pura caridade cristã, contribuiu para tal triunfo o precioso dom da palavra de que Francisco era dotado. Seus sermões comoviam profundamente.

Maior influência ainda tinham seus escritos. Este, a um tempo, serviram à doutrinação e à defesa das verdades ensinadas pela Igreja.

Seus livros como também suas inúmeras cartas garantiram ao santo um lugar de destaque na literatura francesa. F. Godefroy diz dele: "S. Francisco de Sales merece um dos primeiros lugares entre os que legaram à nossa língua (francesa) sua flexibilidade". Sainte-Beuve compara o santo com Benjamin Franklin que também escreveu sobre a prática da virtude. Chega ao resultado: Franklin "possue humanitarismo, mas falta-lhe a caridade propriamente dita. — Em S. Francisco acha-se mais do que o justo, mais do que o útil, mais do que o humano, acha-se o santo, uma realidade repleta que, sempre que se mostre legítima, encontrará sempre a reverência dos homens". (Causeries du Lundi, VII, 220).

Seu Bispo, Mons. Granier, alquebrado pela idade, recebera a Francisco como coadjutor, sucedendo-lhe este, em 1602, no sólio pontifício de Genebra.

Agora, o santo antistite realizou mais uma obra importante com a fundação da ordem da Visitação de Nossa Senhora, tendo como colaboradora a Santa Francisca Frémoyot, Baroneza de Chantal.

Este grande filho de Maria morreu aos 28 de Dezembro de 1622, em Lião.

Seu amor, sua estima e sua gratidão pela Congregação Mariana acham um eloquente testemunho numa das suas obras mais célebres, a "Filotea", na qual exorta com insistência os leigos a que ingressem nas fileiras marianas.

São Francisco de Sales tipifica o congregado cem por cento.

É BOM SABER...

— Quando, em Junho p. p., um bando de índios matou ao fazendeiro Agustín Prieto e sua sobrinha Ana Vilela, no planalto acima de La Paz (Bolívia), a associação de proprietários de terras protestou perante o sr. Enrique Hertzog, presidente daquela república, e exigiu medidas da parte do governo contra os assaltos dos índios. O Presidente respondeu: "O governo e a justiça cumprirão seu dever. Mas os proprietários devem adoptar uma nova política de humanidade, de sentimentos cristãos e um sentido mais civilizado de justiça para com os índios. Sem isto, nenhuma força será capaz de evitar tais terríveis acontecimentos". (Cf. Time, New York, 16-6-1947).

— O novo Arcebispo de Quebec, S. Excia. Revma. Maurice Roy, tem apenas 42 anos de idade, dos quais passou 5 e meio como capelão militar do regimento "Van Doos", nos campos de batalha na Europa. No fim da guerra, o Coronel Roy era chefe dos capelães católicos, tendo sido citado, várias vezes, por "conduta extremamente corajosa" e condecorado com a alta distinção da "Ordem do Império Britânico". (Time, New York).

— Perto de Hamburgo está a Casa São Miguel, antigo palacete de um nobre hamburguês. Ai funciona agora um "curso acelerado de cristianismo", oferecido a meninos e meninas alemãs, para preencher a necessidade de uma fé definida e satisfatória, sobre a qual seja possível reconstruir a vida na Europa". O curso dura dez dias, numa casa administrada exclusivamente por pessoal alemão, com a excepção do reitor que é um sacerdote britânico. Não há constrangimento. Os moços fazem perguntas como estas: "Que se entende por pecado original?" ou "Não é uma arrogância considerar a religião cristã a única verdadeira?" ou "Se Deus é onipotente e tudo está predestinado, por que temos uma vontade livre?" E as respostas são recebidas com satisfação. Uma classe formada de 30 alunos da Adolf-Hitler-Schule de Sonthofen ofereceu o seguinte resultado: 27 disseram que ficaram profundamente impressionados; o trigésimo resolveu tornar-se sacerdote. Um aluno afirmou no fim do curso: "Aqui, pela primeira vez desde o fim da guerra, fui considerado não como um alemão, mas como um cristão". (ibid.).

— As escolas paroquiais do Arcebispo de St. Louis, Mo., U. S. A., destinadas a filhos de negros, estavam sobrelotadas. Por isto, S. Excia. Revma. Joseph E. Ritter, Arcebispo daquela circunscrição eclesiástica, determinou que os negrinhos fossem admitidos nas escolas paroquiais para meninos brancos. Mas uns 700 pais destes não estavam de acordo. Um grupo deles até pensava em mover um processo contra o Arcebispo. Este ameaçou-os com a excomunhão — em conformidade, aliás, com o Direito Canônico que prevê tal castigo nos casos em que um católico cita a um prelado perante um tri-

ZANE GREY

Em vinte anos venderam-se mais que dezessete milhões de exemplares dos vinte e cinco romances do Oeste americano, escritos por Zane Grey. Quasi todos foram traduzidos para as principais línguas modernas.

Não penses, porém, que Zane Grey ficou célebre de noite para dia.

Nasceu ele aos 31 de Janeiro de 1875, em Zanesville, Ohio. Depois de formado em odontologia pela Universidade de Pennsylvania, tratou de exercer a profissão de dentista em Nova Iorque. Mas não se satisfaz com a profissão escolhida. Ao mesmo tempo verificou em si uma forte inclinação para escrever. Alugou um estreito quartinho numa casa mergulhada continuamente na sombra da armagem de um trem elevado. Lá, tendo por único companheiro um gato, pôs-se a trabalhar.

Seu primeiro romance "Betty Zane" ofereceu-o para publicação a quasi todos os editores de Nova Iorque. E todos recusavam. Zane publicou-o por conta própria. Não era daqueles que entregam as fichas depois do primeiro insucesso.

Seu irmão, esportista profissional, convidou-o para instalar-se numa pequena casa nas margens do rio Delaware. Ai Zane continuou a escrever e colecionar cartas de recusa de editores.

Mas certo dia encontrou-se com o coronel "Buffalo" Jones. Este encontro marca o início de seu sucesso descomunal.

Com o celebrado caçador e domador seguiu para o Oeste. Além de entregar-se de corpo e alma à caça do bufalo e do leão montês, embebeu-se de tal forma das belezas de uma natureza maravilhosa que nunca se rebaixa a descrever brutais cenas de sangue nos seus numerosos romances de aventuras.

O que Zane Grey via e vivia em companhia de Jones, contou-o no volume "The Last of the Plainsmen". Mas mesmo este livro, hoje considerado como um dos melhores do autor americano, não encontrou logo editor. Somente depois da publicação de "The Heritage of the Desert" ("A Herança do Deserto", editado pela Livraria do Globo, Porto Alegre) pela célebre casa editora de Harper's em Nova Iorque é que Zane não recebeu mais nenhuma carta de recusa, tornando-se o mais lido escritor dos Estados Unidos. Vencerá!

bunal civil, sem licença da autoridade eclesiástica. Em vista disto, os renitentes dirigiram-se ao Delegado Apostólico, S. Excia. Revma. Amleto Cicognani. Aos 5 de Outubro p. p., John P. Barrett, o chefe dos recalcitrantes, declarou numa reunião que o Delegado Apostólico esperava que todos se conformariam com a decisão do Arcebispo. "Peço-vos que dissolvais esta associação", disse Barrett. "Sou católico. O único meio de permanecer católico é a minha renúncia à presidência desta agremiação. Não desejo que aconteça a qualquer um o que me aconteceu a mim". O comitê, então, votou-se fora de existência.

Newsweek — New York

Fátima, Sheen, Ribeiro Pinto

Na sua edição de 13-9-1947, a "Revista do Globo" publica uma interessante reportagem sob a epígrafe "Por que todas estas conversões?" Para a atividade maravilhosa de Monsenhor Fulton Sheen. Encabeçando o texto, encontra-se a sentença do sacerdote americano: "Os tempos da indiferença religiosa passaram". E é verdade.

A prova disto, temo-la na revista citada na mesma página em que começa a publicação em apreço. Pois, se o artigo inteiro mantém um tom absolutamente digno e nobre, as legendas pouco felizes de baixo dos retratos parecem querer desvirtuar a significação dos fatos relatados nas colunas seguintes. Tem-se a impressão que, aqui também, não há indiferentes.

Na realidade, não há indiferentes: há amor só ou há só ódio.

— Quando, aos 13 de Maio de 1917, Nossa Senhora apareceu, pela primeira vez, em Fátima (naturalmente, sem passaporte visado pelo governo maçônico de então e isto em plena Guerra Mundial I!), imediatamente levantaram-se as vozes, umas para agradecer à Mãe de Jesus, outras, tremulas de raiva e despeito, para gritar aos quatro ventos que os clericais estavam conspirando contra a república (contadina, a linda filha das lojas tinha apenas sete anos de vida, uma mera criança). A polícia perseguia os meninos agraciados. A singela capelinha, construída no lugar das aparições, sob a ação de uma bomba, votou pelos ares: é que a maçonaria não recebera requerimento para que aprovasse a planta.

Mas o povo católico, conhecedor do poder da ternura poderosa da Mãe de Deus, este povo simples e humilde como os pastores de Belém, peregrinava a Fátima, implorava a bênção de sua Senhora e via curadas as chagas e fraquezas dos corpos e das almas. E as curas continuam a obrar-se até os nossos dias.

— Vem um sacerdote americano. Mestre em filosofia e profundo conhecedor da ciência divina e do coração humano; sabe o valor da alma imortal, trata de avaliar — enquanto isto é dado a uma inteligência de homem — os esforços de um Deus humanado pela salvação desta alma e quer colaborar com o Redentor. Reza, jejua, calca aos pés os desejos mais legítimos, para dedicar-se à felicidade dos outros.

E escrevem, referindo-se às conversões que Deus se apraz de operar por intermédio de seu ministro: "Clare Luce também se deixou persuadir e aproximou-se da fé", ou então: "Sua especialidade: converter infelizes, de preferência estrangeiros e, sempre que possível, celebridades". — Por que não? Será crime amar o estrangeiro? Será injustiça interessar-se especialmente pelas "celebridades" que frequentemente precisam mais do sacerdote do que a grande massa

anônima, e menos facilidade têm de se valer do auxílio dele?

— Na floresta das folhas periódicas brasileiras elevam-se ruídos e murmúrios que, depressa, se concretizam em nomes como: "P. Antônio", "Rio Casca", "Urucânia", "milagre". E os ruídos transformam-se em mares de sons, sons bem diferenciados: longe de uma credulidade histérica, o católico sabe que o Divino Mestre prometeu os milagres. E aqui estão eles mais uma vez. Para outros (os espíritos "fortes") não há sobrenatural; portanto, não há milagre. Para estes, trata-se ou de sugestão e de hipnotismo, ou então é o triunfo do espiritismo.

Mas indiferentes, não os há.

É como nos tempos em que Cristo andava pela Terra Santa.

Quando os discípulos do Baptista o perguntam, se Ele é o Messias prometido, responde-lhes, a um tempo afável e firme: "Mas não lestes a Bíblia? Os profetas predisseram que o Prometido do Senhor faria andar os coxos (i. é, paráliticos), verem os cegos, falam e ouvirem os mudos e os surdos; que pregaria a verdade; que todo o mundo veria a salvação".

E lá estavam os coxos, os cegos e mudos e surdos, os leprosos e

paralíticos curados. Lá estavam os ressuscitados, a filha de Jairo, o jovem de Naím e Lázaro.

E os filhos dos pastores de Belém, tenzes testemunhas, rejubilaram. E os invejosos, os desalmados, os que gostavam mais das trevas do que da luz (porque suas obras eram más), caluniavam o Senhor: "Pelo chefe dos demônios expulsa os maus espíritos". Ou sofisticaram como no caso do homem que recebeu a luz dos olhos, tendo nascido cego: "Não é aquele meningo", diziam, "não, não é ele". Perguntam aos pais do agraciado. Intimidados, recusam-se a responder, mas não negam. Perguntam mais uma vez o milagrosamente curado. E não podendo já desmentir o fato comprovado, desterram a testemunha incômoda que atesta a verdade e o poder de Deus.

Não há indiferentes. "Quem não está comigo, está contra mim. E que não recolhe comigo, espalha". Eis a palavra do divino taumaturgo.

Não há indiferentes.

Ou cremos, ou somos incrédulos. Ou amamos a Cristo, ou odiamos-Lô.

A decisão é nossa.

O Sacerdote e a Política

Para basto número de "supremos julgadores das nações e da realidade" repugna o sacerdote, ovelha preta não somente por causa da cor de sua veste, mas porque surge "desmancha-prazer" da política, quando as manipulações, os fermentos ou os amortecedores desta mais prometem. Sentem instintivamente os senhores juizes ser o sacerdote adversário dos mais perigosos. Tal fato explicação demanda sunária. Inventem-se pois sem número de razões. Sejam os enfim mais solícitos do que o Santo Padre e aconselhemos o sacerdote a que fique na igreja e na sacristia para o bem dos fiéis.

Estes senhores se esquecem das lições históricas dos bancos do collegio: que a diplomacia, e com ela a política, tem suas origens na Cúria Romana que, primeira, usou de embaixadores, os nuncios apostólicos.

Esquecem que a formação cultural do sacerdote põe os fundamentos indispensáveis para uma ação política. O estudo da filosofia treina a inteligência para penetrar no fundo das questões, desfazendo o palavrório vão que embrulha e disfarça intenções inconfessáveis. O estudo da teologia faz com que o

sacerdote guarde as proporções devidas, vendo as cousas temporais na luz da eternidade. O trato íntimo com as almas comunica-lhe um precioso conhecimento da natureza humana. E, finalmente, sua independência, proveniente do celibato, dá-lhe a força de defender os direitos de Deus e dos homens.

E porque questões políticas muitas vezes são questões de consciência, os católicos dirigem-se a seus confessores. A cousa mais natural do mundo. E os confessores, em virtude deste ofício divino, em consciência, estão obrigados a solucionar as dúvidas, a aconselhar o que é justo. É por isto que o Arcebispo Aloysius Stepinac está encarcerado. É por isto que nazistas e fascistas perseguiram o padre. Pela mesma razão, a jurada hostilização comunista contra o clero.

O sacerdote, como em todo o mais, também na política tem por mestre Nosso Senhor.

Ou não se tratava de uma questão política, quando os judeus lhe perguntaram, se era lícito pagar impostos ao imperador romano? E com que simplicidade, mas também com que lógica irrefutável, respondeu o Salvador: "Dai a Ce-

Escola de Guerra

(XIX)

36. "Quanto for possível, tenha cada Congregado o seu confessor certo, (1) que seja homem piedoso, sábio e prudente. A ele manifeste com toda a sinceridade o estado de sua consciência, (2) e por ele se deixe guiar e dirigir em tudo o que respeita a vida espiritual". (3).

Comentários: (1) i. é, um sacerdote com que se confesse habitualmente. Confessar-se hoje com este sacerdote, amanhã com aquele, depois com aquele outro tira a confissão pelo menos tres quartos de sua eficácia. Isto, entretanto, não toine ao Congregado a liberdade dada e acentuada pela Igreja de confessar-se com qualquer sacerdote aprovado para ouvir confissões, pelo Ordinário do lugar. Pode haver motivos por que dirigir-se a um outro sacerdote e não ao confessor habitual. — (2). E de importância máxima que o confessor conheça bem o estado de consciência de seu penitente: pois assim somente é possível uma direção segura da alma. O confessor poderá aproveitar as oportunidades boas do penitente para mais eficazmente auxiliá-lo no combate aos pecados e na prática das virtudes. — (3) Quantos erros se cometem por faltar uma sábia direção no negócio mais importante que é o negócio da salvação da alma imortal! O confessor não é uma máquina de absolver; ele deve ser guia e pai espiritual.

37. "Antes de receber a medalha de Congregado, deve o candidato fazer uma confissão geral dos seus pecados, se confessor não julgar o contrário. E depois, não se contente só com as comunhões gerais prescritas na regra, mas receba os sacramentos com a frequência que lhe aconselhar seu confessor". (1).

Comentário: (1) Os Sacramentos da Confissão e da Eucaristia são as fontes principais das forças de que necessita o Congregado, tanto para sua santificação própria como para a cooperação na salvação do próximo e na defesa da Igreja.

38. "É muito bom conselho para todos o que dá o Sumo Pontífice Bento XIV, que uma ou duas vezes no ano se faça confissão geral, começando da última que se fez. Ora, isto pode cada um muito facilmente cumprir no tempo dos Exercícios Espirituais, no retiro do mês, ou no fim do ano". (1).

Comentário: (1) Sobre a confissão geral, ver: Daniel A. Lord, S. J.: "Tu e a Confissão", "O Mariano", 1947. Ns. 4 e 5.

sar o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

Esta é a política do sacerdote católico.

(Continuação)

Trouxe consigo uma porção de dinheiro "Confederado" e disse que ia guardá-lo até que os estados do Sul batessem os do Norte. Mas eles não o fizeram e aquele dinheiro "Confederado" não é melhor do que dinheiro falso".

Caíndo a palavra "dinheiro falso", a compreensão tornou-se visível em todos os semblantes. Agora compreenderam. Manuel era um gatuno; ele os enganou a todos.

O rapaz mesmo inconsciente ajudou confirmá-los nas suas sombrias suspeitas. Ficou pálido como cinzas. Os lábios tremiam-lhe. Sua cabeça, enterrada nas mãos, baixou-se sobre a mesa.

"Ladrão!" grunhiu uma mulher.

"Patife!" disse um outro já em voz mais alta.

"Bandido!" bradou um terceiro.

"E quem", perguntou a chefona das costureiras, "nos pagará as nossas costuras?"

Manuel levantou a cabeça. Seus olhos estavam cheios de terror. Toda a segurança tinha-o desertado.

A vista do rosto marcado pelo pânico adicionou óleo ao fogo.

"Ladrão! Bandido!" Tais e piores foram os termos lançados de todos os lados contra o infeliz.

Manuel abriu a boca para falar; mas não conseguiu pronunciar nenhuma palavra.

Um dos seringueiros reclamou uma corda. E vários dos seus companheiros moviam-se em direção do destituido jovem com facas cintilantes e gestos ameaçadores.

"Parai!" gritou uma voz clara e alta. Esta única palavra tinha o efeito de um tiro de revólver.

Ao lado de seu marido, a cabeça bem no ar, os olhos fuzilando, profunda ira a carregar as sobranceiras, estava erecta Carmelita.

"Bestas!" disse ela. "Malucos! Canalias! Como ousam pensar assim de meu marido?" Enquanto emitia estas palavras, voltou-se e olhou para o rapaz curvado com infinito orgulho e amor sem limites. Manuel levantou a cabeça um pouquinho.

"Ele vale mais do que vós todos juntos. É honesto, é leal. Ontem achamos este dinheiro. Pensávamos que era legítimo. Não lemos muito. Mas ele não é ladrão, ele não é nenhum bandido. Ele é meu marido".

E ao elevar-se sua voz às alturas do triunfo, reclamando a Manuel como seu, a moça mais uma vez envolveu-o com um olhar cheio de orgulho e ardor.

Manuel estava agora com a cabeça bem levantada. Respondeu ao olhar dela, e neste momento compreendeu que a menina ao seu lado valia todos os tesouros enterados do mundo inteiro.

Então Manuel levantou-se, um rapaz mudado.

"Escutem", disse de um modo impressionante. "Vocês são tudo o que os chamou minha mulher — e pior ainda. Estou pronto com vocês. Nunca algum me ponha pé na minha ilhota — a Ilhota Stanton — sem licença dela. Aquele tesouro é uma falsificação. Não me importa. Aquel está o meu tesouro".

Com isto abraçou a esposa; e ela, tremendo, corando, escondeu a ca-

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

beça no peito dele. Tinham trocado os lugares outra vez.

"Quanto ao vestido e o véu e o banquete, pago-os agora. Vejam!"

Tirou do bolso uma mão cheia de moedas de ouro com a imagem da águia.

"Fazei-vos pagos!" trovejou, atirando as moedas ao chão.

Então agarrou sua mulher, lançando sobre eles um olhar flamejante que ninguém ousou sustentar, caminhou orgulhosamente pelo meio deles e encaminhou-se para a praia.

Cláudio, o novo comandante, não foi longo em perceber o programa mudado. Seguindo o par, lançou-se numa corrida, pulou para o botezinho e remou com toda a pressa para o "A Jovem Índia"; assim, quando o brioso noivo e a trêmula noiva alcançaram seu navio, a âncora foi levantada d'uma vez, e poucos segundos depois o veleiro estava pronto para zarpar.

Neste meio tempo, os comensais do banquete nupcial, olhando extremamente intrigados e atônitos, tinham chegado à praia.

"Malucos!" bradou Don Enriquo, esquentado pelo trabalho no armazém. "Ofendestes o rapaz mais admirável. Não tendes juízo".

"Que vamos fazer?" perguntaram vários.

"Que há?" perguntou Padre Horn que estivera na Igreja a rezar as Horas Menores.

"Insultaram o jovem par", explicou Don Enriquo.

Padre Horn virou os olhos para o "Jovem Índia". De pé, demorando um olhar cheio de ternura sobre ela, Manuel apertava em seus braços sua esposa trêmula. Bem no alto, um pequeno querubim preto, dividido em duas metades por uma fita branca, estava executando um magnífico jogo com os dedos das mãos e dos pés. Era uma visão que abarcava ao mesmo tempo uma boa porção de comédia e da beleza da vida.

"Desejai-lhes boa viagem!" gritou Padre Horn para a massa estupefacta.

Havia um reviver da inteligência. As mulheres tiraram os seus chales de cores variegadas e sacudiram-nos no ar. Os homens levantaram as mãos ao alto.

O rosto severo de Manuel amoleceu. Sussurrou alguma coisa nos ouvidos de sua mulher, depois do que ela levantou a cabeça e voltou as faces coradas na direção da praia. Carmelita sorriu. Os homens, assim encorajados, romperam em vivas.

Então foi Carmelita que falou em voz baixa ao marido. Abandonando consentimento, ele se dirigiu ao povo.

"Minha senhora", gritou, "convida a todos vós para visitar a Ilhota Stanton quando quiserdes".

A massa ficou contente, entusiasmada.

"Padre Horn!" clamou ela em voz de soprano.

"Sim, meus filhos".

"Será que sua bênção chegará até cá?"

"Podemos experimentar", respondeu o sacerdote sorrindo, tirando, enquanto falava, uma estola branca do bolso e pondo-a ao pescoço.

No "Jovem Índia" Manuel e Carmelita caíram de joelhos, as cabeças inclinadas, as mãos postas. Quase tão depressa o povo da praia estava ajoelhado. O capitão caraíba, empoleirado no alto do mastro, estava intrigado por um momento. Ele não se pôde pôr de joelhos. Por isto fez o que mais conveniente lhe parecia nas circunstâncias: pendurou-se pelos joelhos de uma verga.

Então, em sons claros e doces, sons vibrantes com amor pelas al-

ERA UMA VEZ UM ESTUDANTE

Daniel A. Lord, S. J.

Era uma vez um estudante católico e

Ele leu numa história protestante como, justamente antes da reforma, a Igreja tinha perdido seu zelo, fazia pouco para o avanço da cultura (apesar do Renascimento, naturalmente), e estava tão corrompida que

"Não posso compreender", disse o estudante católico, "como o povo católico, naqueles dias, deixou as cousas marcarem um compasso d'esses. Se eu então tivesse sido um católico..."

E foi apreciar uma fita no cinema.

Leu que nos dias justamente antes da Revolução Francesa, as condições católicas não foram melhores do que deviam ser, que urgiam reformas sociais, que os ricos mais enriqueciam e mais empobreciam os pobres.

"Acredite-me", disse ele, "se tivesse vivido então, eu teria feito um esforço para endireitar as situações, antes que acontecesse qualquer coisa, e..."

E saiu para ver um jogo de futebol.

Leu um ataque à Espanha. "Que", perguntou o articulista que, obviamente, odiava a Igreja, "fizeram os católicos espanhóis pelos pobres? Quanta sinceridade havia em sua religião? Ela influenciou sua vida, sua consciência social?"

"Então, isto não é aborrecido?" perguntou o estudante. "Que houve com esses católicos espanhóis? Por que não se electrizaram e FIZERAM alguma coisa para endireitar as cousas? Certamente, viram..."

E deu um jeito na gravata, buscou sua garota para o baile.

mas, o sacerdote, fazendo o sinal da cruz, disse:

"A bênção de Deus, do Pai e do Filho e do Espírito Santo desça sobre vós e permaneça convosco para sempre".

Então Manuel levantou-se, tomou a sua mulher nos braços e beijou-a pela primeira vez. Levantou-se também o povo e soltou exclamações de alegria. Do alto caiu o capitão caraíba e, por um milagre, aterrissou em pé. Para baixo veio com ele também a vela, capturando no mesmo momento aquela brisa que brincou no Eden, quando o primeiro casal jurou amor mútuo e fidelidade até o fim.

"E agora, meus filhos", gritou Don Enriquo, tendo ainda aquela expressão atônita no rosto cor de mogno, "ide para casa. Eles se foram. Mas o banquete nupcial ainda está aí e foi pago".

Com risadas e gritos de alegria estes filhos da natureza voltaram depressa para o pomar de Don Enriquo. Entretanto, velejando para o Ocidente dourado, com um querubim preto de olhos arredondados, ia-se o par feliz, rico sem medida no mútuo amor juvenil.

FIM

No dia seguinte, um afamado sacerdote veio visitar o colégio.

"Não nos incomodemos com o que passou", disse o padre. "É o presente que importa. Não sei nada a respeito de ontem, mas preocupa-me o que vós — sim, vós que aqui vos assentais — estais fazendo hoje. O que estais fazendo pela Igreja? O que fareis vós aqui e agora mesmo, vós que podeis levar todo o futuro?"

E quando a conferência se concluiu, aplaudida vigorosamente pelos estudantes, ele e uma turma de outros estudantes sentaram-se no cantinho de costume, no alegre clube e travaram uma das suas barulhentas discussões sobre se o Teixeira era realmente melhor do que o Ademir.

Talvez me engane, porquanto o futuro viu nosso moço tão cristãmente ativo assim que estudante algum em tempos vindouros a ele assim se dirija:

"Por que não fez alguma coisa VOCÊ?"

(Trad.)

CONTRÔLE DE PREÇOS...

Não é cousa nova. Por decreto do dia 13 de janeiro de 1599 proibiu o Papa Clemente VIII qualquer aumento de preço dos viveres, em Roma.

Aos 23 de dezembro de 1598, o rio Tibre inundou a Cidade Eterna, causando terríveis estragos e atirando os sobreviventes na maior miséria. Os prejuízos subiam a milhões e milhões de cruzeiros. O pior foi a destruição de gado, trigo, vinho, azeite e outras cousas de primeira necessidade.

O Sumo Pontífice mandou distribuir viveres e dinheiro em todas as Igrejas de Roma e encarregou ao Cardeal Aldobrandini, ajudado por mais cinco Cardeais e vários membros da nobreza leiga, das obras de salvamento.

Nem se esqueceu o Papa de medidas sanitárias para impedir o irromper de epidemias.